

— Estamos aguardando alguém para isso há tempos. Jandira está aqui há quase um ano e tem sido muito bem assistida. Todavia, se lhe dermos tempo, atenção...

— Está bem. Conte comigo! A propósito, doutor, apenas uma pergunta: terei que ir buscá-la naquela ala?

— Está com medo?

— Foi traumático para mim. Nunca pensei que havia uma casa do Cristo desse jeito.

— Arrumarei alguém para trazê-la até aqui.

— Estou muito disposto!

— Excelente. Senti sua sinceridade. Só espero que não vire Pinóquio!

— Pinóquio?!

— Espero que não passe a adorar as mentiras de Jandira.

— Que bom vê-lo assim, doutor! Está se sentindo melhor?

— Quem é o doutor aqui sou eu. Pare de perguntar e vamos ao labor. Você vai visitar Jandira e diga que acredita em tudo... Depois, no início da noite, procure o professor no segundo andar. Ele o espera com outras lições. Felicita-me vê-lo com novo humor, contudo, mantenha vigilância sobre suas emoções.

— Está bem, doutor. Farei isso.

<sup>(1)</sup> Mateus, 5:39 e 40.

<sup>(2)</sup> Odilon Fernandes foi um trabalhador exemplar na cidade de Uberaba, Minas Gerais. A entidade sob sua supervisão na vida espiritual chama-se "Liceu da Mediunidade".

## 20

### *Segundo Andar*

*"Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso servil. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo."*

*Mateus, 20:26*

Naquele mesmo dia, às dezoito horas, o ex-dirigente goiano chegou ao segundo andar. Era uma enfermaria coletiva. Tudo traduzia ordem. O professor já esperava Marcondes e o saudou:

— Há quantos dias não vejo o amigo bondoso!

— Lembrei-me muito do senhor, professor. Realmente há semanas que não o vejo. Incrível o tamanho deste Hospital!

— Nem tão grande assim é o Hospital e sim o trabalho. Venha, vamos a minha sala. Conversaremos um pouco.

Acomodados, iniciaram um debate esclarecedor sobre as enfermarias do segundo andar.

— Aqui, encontramos, em sua maioria, quadros de arrependimento tardio.

— Consciência cobrando os atos?

— Nem sempre, Marcondes. Dialogando com nossos irmãos, perceberá que a queixa generalizada refere-se ao que deixaram de fazer.

— Arrependidos pelo que não fizeram?

— Exatamente. Em outras palavras, negligentes.

— Então vejo que mais uma vez encontro-me onde preciso.

— Todos nos encontramos aqui por necessidade, meu filho, e não por méritos. O caminho para a frustração começa na aceitação gradual da negligência. É um processo psicológico, estimulado na mente, do trabalhador do bem, que excede nas concessões em benefício próprio. Através da alegação de necessidades pessoais, relaxa na conduta em excessiva ocupação consigo, tornando-se um esbanjador dos recursos celestes do tempo e das regalias materiais. Raros sabem utilizar tais beneplácitos como oportunidades para trabalhar e servir, aprender e amar com mais intensidade. Faremos uma visita educativa no intuito de que avalie essa senda sutil do aprendizado humano.

— Por que a existência de quartos separados?

— O que delimita a divisão entre as alas é o desejo constante de cooperar. A grande maioria, neste local, fala em méritos pessoais e quer ser servido. Alguns chegam ao despautério de fazerem cobranças, então são convidados ao quarto próprio... Querem mordomias, vão tê-las... Depois de alguns dias, estão deprimidos e são transferidos para o setor competente.

— Interessante!

— Lamentável, eu diria, pois recebem tudo, e, no entanto, a grande maioria não perdeu a mania de mandar e exigir.

— São todos espíritas?

— A maioria. Temos alguns protestantes e outros líderes cristãos. Sem dúvida, os espíritas dão mais trabalho.

— Doutor Inácio pediu para procurá-lo. Alguma razão especial?

— Antes de incursões mais amplas, gostaria de deixar claro uma informação que poderá ser útil. Visitaremos uma

ala cujos pacientes recuperam-se muito lentamente de dramas bem recentes. São dirigentes com fortes crises de depressão, incursos, alguns deles, em estados psicóticos. No geral, são doentes mentais graves sob controle de medicações e terapias muito específicas.

— E por que não ficam nas alas restritas do subsolo?

— São histórias mais brandas. Muitos, aliás, já passaram por lá e continuam a tratar-se nesse andar.

— Nesses casos, a psicose ocorre depois da morte ou já havia se expressado quando ainda no corpo físico?

— São psicoses tardias, ou seja, já se encontravam em estado latente, vindo a ser ativadas a partir das experiências infelizes, vividas nas regiões inferiores nas quais estagiaram por longo período. Todos foram resgatados em penosas condições mentais e agora, após pouco mais de um ano de tratamento, apresentam-se mais bem-humorados e dispostos à conversa.

— Terão facilidades em falar de seus dramas?

— É o que mais necessitam neste momento, com o objetivo de desabafarem. Costumam repetir a mesma história quantas vezes puderem. Você poderá perguntar à vontade.

— Foram todos dirigentes?

— Não. Foram líderes espíritas todos eles, considerando que líder é todo aquele que influencia um grupo, possuindo, ou não, cargo hierárquico. Em comum, trazem o fracasso nos seus projetos reencarnatórios. Não foram maus, foram omissos.

— Pelo que aprendi com o senhor, não existe fracasso...

— No sentido de ser irremediável, não existe falência.

A consciência, entretanto nunca deixa de cumprir com sua função orientadora e relembra-nos, continuamente, o que combinamos conosco antes do renascimento. Quando não queremos ouvi-la...

— Novamente a negligência! Nunca pensei sobre esse tema à luz dos princípios espíritas. Jamais imaginava que adiar

o bem que podemos fazer, iria nos criar tanto embaraço! Mas de que maneira a negligência pode trazer alguém a essa situação?

— Alguns, através das atitudes de falta de cumplicidade com o objetivo essencial da proposta espírita, assumiram uma fé de superfície. Outros se devotaram aos compromissos doutrinários, todavia ingressaram pelas artimanhas do personalismo, em posições de supremacia da verdade, ostentando suas largas folhas de serviço. Sob o fascínio do orgulho, estabeleceram condutas preciosistas nas quais pretendiam ser as referências para a coletividade. As maiores ilusões se verificam entre esses últimos. Fascinaram-se com crenças e pontos de vistas pessoais, estabelecendo excessivo apego às suas convicções.

— Como identificar mais claramente o ato de negligência em suas experiências?

— Em ambas as situações, detectamos a negligência nos deveres de profundidade para com o próximo e consigo, em prejuízo do excessivo prestígio aos valores institucionais e movimentos de adoração exterior.. Foram escravos da casa e das práticas. Na casa, adoravam a si mesmos; nas práticas, supunham-se padrões a ser copiados. Em ambos, demonstravam valor exclusivo em sua forma de entender e interpretar, consolidando uma crença individual, arrogante e inquestionável. E, quando tal quadro era acompanhado de algum cargo expressivo perante a comunidade, ampliavam ainda mais as chances de personalismo e austeridade em suas formas de conceber o Espiritismo. São os novos “Doutores da Lei”, que encharcam o cérebro de conhecimento com o qual pretendem ser autoridades sobre imortalidade...

— E foram trabalhadores de boa-vontade?

— Todos, sem exceção.

— Não consigo entender, professor!

— Boa vontade e conhecimento não bastam como

questos de equilíbrio. Sem eles, evidentemente, não teremos as condições necessárias no campo exterior para a manutenção de nossas tarefas, entretanto, somente com eles, não efetivamos os serviços de profundidade da alma nas escaladas da renovação interior. Além de boa vontade e informação, é imperiosa a aquisição da consciência sobre nossas necessidades espirituais e seus respectivos caminhos de superação a serem adotados. Do contrário, seremos operosos no bem alheio, defendendo-nos das horas vazias e da obsessão, sem edificar, na intimidade, as defesas morais e as experiências indispensáveis para galgar a vitória sobre as mazelas milenares. Mazelas, diga-se de passagem, que jamais serão vencidas somente com movimentos de rotina nas abençoadas tarefas das quais participamos. Mais que voluntariado, urge o compromisso de elevação persistente e diário em todos os instantes da existência, ultrapassando o campo das doações espontâneas em horas marcadas.

— Para entender melhor, gostaria de saber se esse andar inteiro é dedicado aos dirigentes?

— Na verdade, para os dirigentes, é reservada a área maior. Consideremos como dirigente todo aquele líder em nome da mensagem cristã. Assim temos dois andares no subsolo para casos mais graves e cinco andares acima do nível térreo para continuidade dos tratamentos. Os sete andares compõem um dos braços do Hospital. Ao todo, temos trinta e cinco andares distribuídos em cinco braços à semelhança de um cata vento. Lembra do exemplo que usei na palestra? Cada “pá do moinho” é um pavilhão visto de cima, e as bases – duas colunas de sustentação – são os corredores de entrada e saída do Hospital, no andar *subsolo 02*, o mais perto das vibrações terrenas. É onde se encontram os portais.

— E por que um pavilhão, especificamente, para dirigentes?

— Para facilitar os serviços e melhor proveito dos

próprios pacientes que guardam vivências similares.

— Mesmo tendo fracassado em seus planos, obterão algum mérito do serviço que prestaram?

— Sem dúvida. O bem sempre oferece algum tipo de fruto. Trabalharam muito e não perderam seus méritos, contudo, pelo fato de não terem sanado suas contas com a consciência, descuidando do compromisso primordial de transformação interior, não fizeram todo o bem que podiam e deveriam... Eis a maior negligência.

A referência tocou profundamente a Marcondes, que se manteve calado. Professor Cícero acrescentou:

— Os casos aqui presentes são dos que se mantiveram sempre distantes, ou chegaram a distanciar-se, dos deveres essenciais a que concita o Evangelho: o amor a Deus, ao próximo e a si mesmo. Foram enriquecidos pela caridade e o desejo de melhora junto às tarefas de amor do centro espírita, de onde jamais deveriam ter se afastado completamente. Após as oportunidades de promoção que foram recebendo para gerir interesses coletivos, só tiveram tempo e atenção para assuntos e problemas atinentes a eventos, relações convenientes, cerimônias e planos de hegemonia, os quais tomaram como sendo missões a eles confiadas pelo Mais Alto...

As explicações claras do benfeitor não deixavam dúvidas. Marcondes passou a refletir nas tarefas de amor junto ao centro espírita no qual atuou por anos a fio na cidade goiana. Suas atividades revelavam-se agora, em sua mente, como sublime avalista do relativo estado de tranqüilidade e equilíbrio. Desejando continuar a entrevista sobre os conceitos sábios do professor, indagou:

— Que função primordial têm os dirigentes para o progresso do movimento espírita?

— São os vanguardeiros, determinam linhas de pensamento, portanto tornam-se referências de ação em menor ou maior escala. Quaisquer movimentos humanos que

se prezem devem preparar bem os seus líderes. A função de sua participação junto às comunidades sob sua condução é de vital importância para o progresso e a ordem. Em todos os tempos da humanidade, os líderes constroem a história, insculpem rumos e definem o futuro. O movimento em torno das idéias espíritas precisa fazer algo pelos seus condutores com urgência, embora, com toda franqueza, não tenhamos visto, até então, muitas manifestações. Tínhamos esperanças de que os líderes, agrupados em torno do *Pacto Áureo*, fossem sensíveis e corajosos em investimentos sólidos nesse sentido, no entanto, passados alguns anos do compromisso solene de unificação, firmado em cinco de outubro de 1949, constatamos muitas iniciativas de valor, sem prioridade na formação de mentalidades coerentes e fortes junto àqueles que, de fato, moldam o movimento espírita...

— O meu irmão teve vivências desagradáveis junto às direções de unificação, quando na carne?

— Deixei o corpo físico aproximadamente um ano antes da formalização do *Pacto Áureo*, presenciando pruridos de hegemonia que muito me preocuparam já naquela época. Sempre fui contrário ao conceito institucional de unificação, vindo mesmo a ter severos episódios de desentendimento junto aos líderes nacionais e regionais, no intuito de operarmos no campo da coesão de almas e não de instituições. Hoje, com alguns decênios de meu retorno ao mundo espiritual, já repensei algumas iniciativas tomadas por mim, na vida física, quanto à sua forma de execução. Contudo a essência das idéias que defendi torna-se cada dia mais necessária e urgente à seara...

— Que iniciativas seriam essas?

— Conforme assevera Jesus, “o sábado foi feito para o homem e não o homem para o sábado.”<sup>(1)</sup> Os dirigentes espíritas devem priorizar, o quanto antes, no plano físico, uma campanha pela *humanização* na seara. Sem proximidade

humana e respeito, fraternidade e convivência saudável, jamais teremos união e concórdia – a alma de qualquer movimento cristão.

Os apontamentos do professor instigavam a curiosidade, contudo, considerando a hora, convidou Marcondes aos deveres do amor. Fizeram uma contrita prece e dirigiram-se à ala em pauta para aquela noite de aprendizado.

O aprendiz mostrava-se estarecido por ver os quadros mentais em que se encontravam aqueles homens, mulheres e jovens. Tiveram a oportunidade de ter em mãos o “Talento do Espiritismo”, no entanto o enterraram pelo medo de assumirem responsabilidades maiores na vitória sobre si mesmos. Cícero deixava-o à vontade e observava, com muita atenção, seus movimentos. A certa altura disse:

— O tratamento espiritual de toda alma frustrada em seus projetos reencarnatórios deve ser a esperança. Na Terra, comenta-se com exatidão que *esperança é a última que morre*. Aqui, nosso lema é *a esperança deve ser a primeira a renascer*. Depois disso, partimos para as conquistas em outros patamares emocionais. Sem esperança, a alma é “morta”. Esperança é o filete divisor entre o cumprimento da justiça e a ação da misericórdia divina conforme as escolhas de cada um. Quando vemos novamente o sorriso nas faces desses corações que sucumbiram sob o peso da ilusão, entendemos que ainda existe o desejo de recomeço, um ótimo sintoma de recuperação!

— Então a doença mais grave nesse setor seria a desesperança?

— Não é bem assim. Onde floresce a misericórdia, brota a esperança. As almas aflitas e sem rumo encontram na compaixão a excelsa ventura de recomeçarem. O sentimento de culpa e fracasso, inferioridade e abandono precisam ser supridos pela expansão da tolerância. Sem isso o mundo será uma eterna fonte de cobranças e impiedade. A bondade é a

semente da paz. Qual de nós não carece do “colo paternal”? Qual de nós, sob a luz da oração, não mendiga um naco de piedade para nossas lutas e quedas? A mais grave doença das almas nessas alas chama-se vício de prestígio.

— Vício de prestígio?!

— Sim. Uma doença milenar que acomete a maioria esmagadora das almas vinculadas à sublime escola da Terra. Seu princípio básico é a necessidade de ser amado, algo divino e natural nas leis da vida. Entretanto surge como viciação e doença a partir do instante no qual a vontade tornou-se impotente para dominar esse sentimento ao longo dos tempos, transformando-se em exigência e paixão escravizante da mente em variados processos de egocentrismo. Sua origem é o egoísmo. O imperioso desejo de ser amado manifesta-se, nesse caso, em impulsiva necessidade de admiração, destaque, reputação pessoal, notoriedade e atendimento a caprichos pessoais. Forma-se então um psiquismo propenso a gerar correntes mentais centrípetas em regime de circuito fechado sobre si mesmo, desarmonizando, paulatinamente, o sistema afetivo do ser. Nessa ótica, nossos profissionais das ciências psíquicas adotam, por aqui, uma classificação para além dos padrões científicos da Terra, considerando como principais expressões psicopatológicas o personalismo, a inveja, o ciúme, a insegurança, a indiferença, a apatia, o melindre, a revolta e outras manifestações com as quais o egoísta age nos meios em que estagia na sua caminhada espiritual.

— Esse vício manifesta-se entre os dirigentes espíritas?

O professor apenas abriu os braços, juntou as mãos espalmadas num movimento de respeito e piedade, exclamando:

— Veja o resultado! A colheita feita conforme a plantação! Nos enfermos deste pavilhão, encontramos uma espécie de transtorno afetivo não catalogado pela psiquiatria

humana.

O ex-dirigente olhava com piedade para aqueles corações acamados. Eles pareciam não o perceber, tamanho estado de alheamento. Continuou o orientador informando:

— São casos processados a partir de uma inadequação de sentimentos, devido ao acentuado nível de indiferença dos que optam pelo estranhável amor institucional. Amam mais aos cargos e à doutrina que ao seu próximo. Um estado mental que poderia ser chamado de delírio de grandeza assinala nossos assistidos. Esse vício é alimentado pelo orgulho que afeta a imaginação da criatura, levando-a a formar uma imagem idealizada de si, um autoconceito falso e exacerbado com o qual passa a fascinar-se. Tais estados de desalinho favorecem as fixações mentais no monoideísmo, levando a criatura a variados quadros de angústia e perturbação depois da morte. Coadjuvando esse estado psíquico, encontram-se as reminiscências de outras existências corporais, em que a alma habituou-se a ser reverenciada e aplaudida graças a sua posição de destaque social ou cultural. Somam-se a isso muitas companhias espirituais sedentas dos eflúvios do elogio e das sensações causadas pelas futilidades do realce, ou ainda pelo prazer do reconhecimento pessoal, intensificando a dependência de prestígio. Muita vez, esses acompanhantes espirituais são adversários ferrenhos da causa doutrinária, que deterioram o quanto podem a auto-estima do encarnado e insuflam-lhe a frustração, para que a vítima procure as compensações em experiências de prazer fugidio, ou na posse de alguma forma de vantagem pessoal, tombando, em definitivo, nos seus ardis...

— E por que os dirigentes espíritas estão carregando para cá esses quadros doentios graves?

— Por suporem-se grandiosos demais, quando deveriam sentir-se apenas como aquele que enverga maior cota de responsabilidade sobre os ombros, com o dever de ser o

exemplo para todos. Esqueceram a recomendação sábia do Mestre que diziam seguir: “*Não será assim entre vós; mas todo aquele que quiser entre vós fazer-se grande seja vosso serviçal. E qualquer que entre vós quiser ser o primeiro seja vosso servo.*”<sup>(2)</sup> O conhecimento espírita não lhes tem sido o bastante para renovar a conduta de vida, além do que, sem humildade, jamais transformaremos a nós mesmos. Se os irmãos de ideal não começarem a se aceitar como doentes em busca de alta, guardando no imo de si próprios a alegria pelo simples ato de servir, sucumbirão, inevitavelmente, ante essas ciladas sutis do orgulho. A santidade de superfície é um engano em prejuízo próprio. Quem não dá conta de renovar-se tanto quanto deveria, precisa assumir humildemente sua condição, pedir ajuda, adequar o esforço e caminhar adiante. Livrar-se do mau hábito de fazer cena e representar perante a consciência.

---

(1) Marcos, 2:27.

(2) Mateus, 20:26.